

# TEORIA REALISTA APLICADA AO CONFLITO COM ISRAEL E PALESTINA

Aluno: Thuan Guedes de Alcântara<sup>1</sup>

Professor: Leonardo Mèrcher<sup>2</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade explicar e ressaltar o conflito árabe-israelense de magnitude internacional que acontece até os dias atuais envolvendo grandes potências mundiais, explicando alguns fatores determinantes em uma da mais importante teoria das relações internacionais que é o realismo político, motivado pela decadência da segurança internacional que desencadeou a disputa entre Israel e Palestina dentro do oriente médio. O tema aparentemente regional, tem se agravado em vários assuntos políticos, territorial e religioso entre algumas potências mundiais diante de um mundo globalizado que pode ter consequências desastrosas para ambos os lados envolvidos.

**Palavras-chave:** Realismo. Sionismo. Israel. Palestina.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando se trata de relações internacionais, a teoria mais importante que vem em nossas mentes, sem dúvida alguma, é a teoria realista, tratando principalmente a decadência da segurança internacional, sistema político anárquico entre os Estados que visa uma postura agressiva em relação à estratégia de negociação. Principalmente inspirada em autores como Maquiavel e Hobbes, o estado de natureza do ser-humano é a “guerra de todos contra todos”. A teoria realista surgiu em contraposição ao idealismo, que conceituava principalmente o fim de políticas de guerra e o pacifismo internacional voltado para a diplomacia entre as nações.

Dentro deste cenário analisaremos o oriente médio, onde foi o berço de muitas culturas que deram um grande passo para a civilização. Foi lá que o homem aprendeu a arar, a rezar, onde o homem ergueu o primeiro templo,

---

<sup>1</sup> Graduando em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Internacional (Uninter)

<sup>2</sup> Prof. dos cursos superiores pelo Centro Universitário Internacional (Uninter) de Ciência Política, Relações Internacionais, Artes Visuais, Comércio Exterior, Gestão Pública e Secretariado Executivo Trilíngue

celebrado casamentos e entre outras coisas. Mais tarde, desenvolveram as grandes civilizações. Surgiu o patriarca da religião judaica, chamado de Abraão, de onde surgiram outras religiões como a judaico-cristã e o Islamismo que se originalizou na base do conflito que vemos hoje, surgindo assim também, alguns locais dentro do território de Israel que é sagrado para ambas às religiões.

Pela dominação desta zona primordial no planeta, lutaram impérios importantes como os egípcios contra hititas, assírios contra fenícios, macedônios contra persas, romanos contra gregos, árabes contra bizantinos, otomanos contra mamelucos, franco-britânicos contra turcos e alemães por uma área estratégica do ponto de vista econômico, principalmente por causa da geopolítica do petróleo, formando uma hierarquia e dominação de países exportadores de petróleo naquela região. Israel acaba formando uma base estratégica-militar que serve como caminho entre a África no Oriente Médio, e serve como ligação também com a Europa e o mar mediterrâneo. O estudo que originaram os conflitos entre Israel e Palestina se justifica por diversas razões, entre elas a constante divulgação pela mídia, que é feito, sem a preocupação de soluções para os conflitos.

Diante desta análise, identificaremos os motivos realista das relações internacionais no conflito árabe-israelita que agitaram um passado milenar de conflitos até os dias atuais com tentativas de resoluções que não foram suficientes para encerrar as guerras na região que hoje situa-se no oeste do Oriente Médio, local ao longo da costa oriental do Mar Mediterrâneo.

## **2 O REALISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Após a Primeira Guerra Mundial surgiram questionamentos sobre como entender as causas das guerras e descobrir como evita-las ou preveni-las. Desde o início, os estudiosos de Relações Internacionais debatem questões de cooperação e segurança internacional, ou seja, como os Estados se protegem de ameaças externas e como podem evitar que conflitos se transformem em guerras. Foi basicamente nesse contexto que surgiu em 1919 no Reino Unido, a primeira cadeira de Relações Internacionais denominada de

Cadeira Woodrow Wilson, iniciada por David Davies, na University of Wales, em Aberystwyth.

O Realismo Moderno surgiu como uma teoria com a crescente escalada de violência, nacionalismo e agressão à segurança internacional após a Segunda Guerra Mundial, dando ênfase à falha do Idealismo em prevenir tudo isso. O grande exemplo dessa falha foi a queda da Liga das Nações. A imagem Realista é baseada nos Estados como principais atores unitários e racionais das Relações Internacionais em que a segurança Internacional é o assunto mais visado e importante a ser debatido e analisado, sem esquecer-se de olhar a relação de poder entre os Estados, especialmente militar. O desequilíbrio de poder levaria um Estado a guerra e anarquia internacional.

### **3 FORMAÇÃO DA ANTIGA PALESTINA**

A Palestina é uma área localizada entre o Mediterrâneo, pelo Oeste; o Rio Jordão e o Mar Morto no Leste; fazendo fronteira no norte com o Líbano, no sul com o Sinai Egípcio. Ela é composta em sua maioria de terras desérticas. O espaço geográfico total da região, até 1948, pertencia completamente à Palestina, que está repartida em três regiões – Israel, Faixa de Gaza e a Cisjordânia, habitadas em sua maioria por árabes de origem palestina, que corresponde ao Estado da Palestina, mas continuando ocupado pelos israelenses na ausência de um tratado de paz definitivo.

São chamados de palestinos, todos os indivíduos de origem árabe que habitavam a terra que segundo a bíblia seria a terra de Canaã e que saíram ou que foram expulsos de sua terra depois da criação do Estado de Israel em 1948. Não é possível historicamente dizer ao certo como surgiu este povo. Sua grande maioria é muçumana, consistindo em média de 95%, não tem língua própria, cultura, diferenças físicas, políticas e sociais que os tornam diferentes dos povos árabes da região. (LUÍS CÉSAR, LEONEL ITAUSSU, *História geral e do Brasil*, ed. Scipione)

São chamados de judeus todos os que professam a fé judaica (judaísmo) e constituem na maioria dos habitantes do Estado de Israel. O povo judeu tem sua origem por volta de 4000 anos atrás com o patriarca Abraão. Após o êxodo do Egito (1300 a.c.) o povo judeu chega a Palestina, e após

vários conflitos com os povos vizinhos, constitui um sistema organizado e monárquico. Durante o governo do rei Davi (1004 – 965 a.c.) são unificadas as tribos judaicas e Jerusalém é estabelecida como a capital do reino. Após a cisão (950 a.c.) e a destruição do reino pelos assírios (722 a.c), começa a dispersão do povo judeu pelo mundo. (LUÍS CÉSAR, LEONEL ITAUSSU, História geral e do Brasil, ed. Scipione).

### 3.1 CRIAÇÃO DO “ESTADO NACIONAL JUDEU” E MOVIMENTO SIONISTA

Com a dispersão do povo judeu pelo mundo, feita pelo Império Romano, muitos deles ficaram com a vontade de retornar para a Palestina, esse desejo permaneceu de forma mais utópica do que prática. De acordo com a fé Judaica, o messias levará todos os judeus de volta para a sua terra, a Palestina, que fomentou a ideia de sionismo político. Depois dessa dispersão em massa do povo judeu, permaneceram em torno de 10% deles no local e estima-se que os que ficaram na Palestina eram 90% árabes de maioria muçumana, e também ficou uma minoria cristã no território.

A respeito da construção de ideologia sionista, Schavartman (2005 p. 35) considera que esta se constitui desse jeito:

A ideologia foi erigida sobre o mito de retorno a Sion. A pátria recebeu o nome de Sion, o Movimento de Libertação Nacional recebe o nome de sionismo, e a história transformou-se num novo retorno a Sion. A renovação da nacionalidade judaica obrigou um retorno a símbolos, ritos e mitos da nacionalidade, da religião e da história judaica.

Com a expulsão do povo Judeu do seu território, muitos deles se fixaram no leste europeu, a fim de conseguir empregos e melhorias de vida, no final do século XIX, em grande parte por causa de perseguições que os judeus sofriam em países europeus, por conta do antissemitismo (nome criado na Alemanha para o racismo contra judeus pelo fato de serem um povo semita) e também guiados pelo nacionalismo de alguns povos da Europa, não aceitavam que povos judeus exercessem cargos elevados no mercado de trabalho europeu. Alguns fatores levam ao preconceito contra os Judeus, como por exemplo, o pensamento que os Judeus foram os culpados pela morte de Jesus que durante muito tempo foi alimentada pela igreja católica. Além da culpa que os

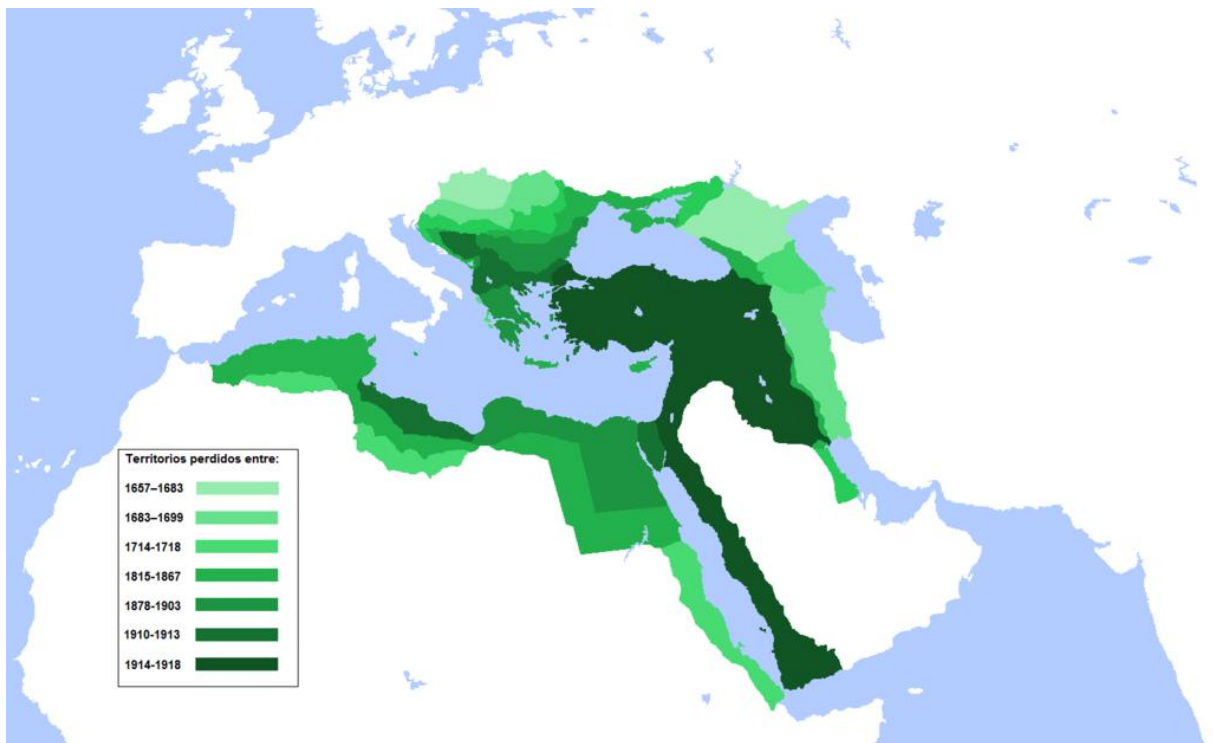
governantes colocavam em cima dos judeus pelos problemas sociais, sendo assim podendo mascarar a sua própria ineficiência. Depois da primeira guerra mundial levou a saída dos judeus em massa da Europa para a Palestina temendo o nazismo.

#### **4 FRAGMENTAÇÃO DA PALESTINA**

Neste capítulo abordaremos como que a Palestina foi fragmentada a partir da decadência do Império turco Otomano no fim da Primeira Guerra Mundial em 1917/1918 e a criação do Estado de Israel em 1948. A partilha do Império Otomano que descaracterizou territorialmente, nunca voltando o que era antes e assumindo o império Britânico sobre a região, que contribuiu mais ainda para a fragmentação do território. Seitenfus (2004, p.26) diz que ao longo da história, a motivação dos Estados em estabelecer essas relações pode ser identificada segundo duas linhas de pensamento: buscavam os países, a dominação política, como na conquista de territórios e na guerra, e a dominação e exploração econômica, como no caso da exploração das colônias americanas e africanas pelos países europeus.

Estas relações que se estabelecem entre os Estados e que vão além do limite territorial, contrapondo-se com as relações internas Estado-indivíduo, constituem as relações internacionais. São, portanto, relações sociais entre diversos Estados que extrapolam as fronteiras nacionais,<sup>4</sup> mas que operam dentro de um cenário, chamado de meio internacional. Segundo Seitenfus (2004, p.02), “as relações internacionais surgem quando dois ou mais grupos socialmente organizados intercambiam bens, ideias, valores e pessoas, tanto num contexto juridicamente definido quanto de maneira circunstancial e pragmática”.

Figura 01: Decadência do Império Otomano



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio\\_Otomano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Otomano) acesso em 13/01/2018

Os Otomanos conquistaram a região da Palestina em 1517 e permanecendo até o fim da primeira guerra mundial em 1917, onde a região foi repassada para o domínio britânico onde ficou conhecido como o mandato britânico (1918-1948).

Figura 02: Mapa do mandato Britânico na Palestina



A Primeira Guerra Mundial teve consequências decisivas para a Palestina. As potências aliadas não esperavam pelo fim da guerra para preparar o desmantelamento e a liquidação do império Turco, aliado da Alemanha. Procurando aproveitar-se do nacionalismo árabe, a Grã-Bretanha prometeu o seu apoio para a criação de um estado árabe independentemente tendo por fronteira ocidental o mar Vermelho e o Mediterrâneo, em troca da revolta árabe contra a Turquia. De fato, a Palestina, que faz parte do território do anunciado Estado árabe, era cobiçada ao mesmo tempo pela Grã-Bretanha e pela França, mas as duas potências admitiram o princípio da sua internacionalização nos acordos secretos de Sykes-Picot de 16 de Maio de 1916, Braga (2002 p. 10). Não havia interesse europeu até o final do século XIX em alterar o cenário político daquela região dominada pelo império Otomano.

O laço de interesse principal da política Britânica pró-sionista foi simbolizado pela Declaração de Balfour, onde cedia a terra da Palestina como promessa para criar um Estado chamado de: “lar nacional judeu” (GOMES 2003). Em 1914, os otomanos tiveram suas fronteiras espremidas por ofensivas russas e britânicas. Os ingleses ocuparam os seus territórios, e isso incluiu Jerusalém. Nessa época a Grã-Bretanha tinha três propostas para o futuro da Palestina. O acordo Sykes-Picot, de 1916, previa uma administração internacional para a região. Outro documento, a Correspondência Hussein-MacMahon, propunha que Jerusalém e arredores fossem incluídos dentro da zona de independência árabe. Por ultimo, a declaração de Balfour (1917), elaborada pelo Lorde Balfour, incentivava a colonização judaica, sob proteção do Reino Unido.

Com a tomada da Palestina do Império Otomano pelos ingleses, havia a intenção de estabelecer na Palestina, um regime internacional por ser um lugar sagrado para as três religiões, mas acabou ficando somente sob o controle britânico. Também deve ser considerado o compromisso Britânico assumido

com o movimento sionista. Após o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918, conforme os acordos anteriores, a Inglaterra e a França dividiram o território que era dominado pelo Império Otomano entre si, com a Palestina sob o domínio inglês. Antes da Primeira Guerra Mundial a França e Inglaterra, percebendo a forte tendência ao nacionalismo pelos países que estavam sobre o domínio Otomano, prometeram aos líderes locais que caso eles lutassem ao seu lado contra o Império Turco Otomano lhes seria assegurada a independência logo após a mesma.

A Declaração de Balfour foi, na época, interpretada pelos líderes sionistas como a base à criação de um estado judeu soberano e tornou-se uma espécie de marketing tendo como objetivo o apoio internacional para a formação do estado de Israel. Décadas que se passaram, e milhares de judeus fixaram-se na Palestina, em sua grande maioria, vindos da Europa. O colonialismo da França e da Grã-Bretanha provocou fortes reações no mundo árabe, que teve como base o surgimento do berço do fundamentalismo islâmico: a *Irmandade Muçulmana, surgida no Egito em 1929*. A Irmandade pregava a expulsão dos estrangeiros e a volta aos princípios fundamentais do Corão, o livro sagrado dos muçulmanos. A organização praticava uma guerra de guerrilha contra os ocupantes estrangeiros. O caráter militar da Irmandade foi se acentuando progressivamente. O crescimento do sentimento sionista e das aspirações árabes à independência fez com que a Inglaterra adotasse uma política de dividir para depois dominar onde era incentivado o conflito entre árabes e judeus. Esta política visava enfraquecer os esforços de ambos os povos, e manter a influência britânica na região.

O Idealismo Moderno no âmbito internacional tem como seu grande precursor Thomas Woodrow Wilson (1856-1924), presidente dos Estados Unidos na época, que desde 1913 queria acabar com as diplomacias de guerra após a Primeira Guerra Mundial, que segundo ele, os países e as pessoas eram como mercadorias de troca ou peões de um tabuleiro de xadrez. Assim ele consiste em o seu plano Idealista propondo alguns acordos de paz e a criação de uma organização internacional que fizesse a manutenção da paz a fim de garanti-la. Foi assim criada a Liga das Nações, acreditando-se que reuniriam as nações e respeitar as normas e regras do direito internacional.



Desde a sua criação, a Liga das Nações enfrentou diversos problemas no início. A França queria um exército para a instituição, enquanto os ingleses e os norte-americanos não queriam. A Liga foi incapaz de ajudar o pedido formal da China diante da invasão japonesa da Manchúria. Com o passar do tempo foi-se perdendo a fé e a Liga se esfacelou diante da explosão do fascismo e do nacionalismo surgido na Europa. Muitos autores destacam o fracasso da Liga das Nações como um dos grandes fracassos do idealismo moderno, dando mais ênfase ao realismo, e como já dizia Hobbes, em seu famoso livro *Leviatã*, em que a sua principal ideia seria que o estado natural das relações internacionais seria um ambiente hostil e anárquico e que a concepção é baseada nas ideias de poder e força. Os Estados definem seus interesses em termos de poder e sempre estão prontos para usar a força.

Em 1945 foi criada a ONU (Organização das Nações Unidas), nessa época a Palestina era um território ainda colônia da Inglaterra como forma de mandato. A Inglaterra ficou com uma grande responsabilidade que era a criação de uma nação judaica na Palestina, na época, motivada pelo enorme fluxo de judeus que fugiam da Europa, principalmente durante a segunda guerra mundial e com o Holocausto. Tendo em vista essa violência constante e a pressão popular, a Inglaterra decide criar um comitê especial para investigar tais acontecimentos e levar esse projeto adiante para a ONU.

Enquanto as organizações judaicas estiveram de acordo com o comitê, a Palestina decide não participar, alegando que a ONU tinha se recusado a tratar a questão da independência, alegando que os direitos naturais dos árabes palestinos eram claros e deveriam ser reconhecidos, não podiam ser usados como investigação. Alguns meses se passaram de intensos debates, a Assembleia Geral aprova o plano de partilha, que prevê o fim do mandato, definições de fronteiras entre os dois Estados e Jerusalém e a retirada aos poucos das forças armadas britânicas. A Palestina seria dividida em oito partes: três pertenceriam ao Estado judeu, três ao Estado árabe, a cidade de Jaffa deveria formar um enclave árabe dentro do território judeu e a oitava parte, Jerusalém, teria um regime internacional administrado por um conselho

tutelar da ONU, criando assim um *corpus separatum*, um estado neutro pertencente a todos os povos.

Figura 03: Modificação do Território Palestino Entre 1946 e 2005



Fonte: <http://averdade.org.br/2014/07/os-marxistas-e-questao-palestina-os-desafios-da-esquerda/> Acesso: 20/01/2018

O objetivo era também a determinação dos passos a serem tomados antes da independência, tendo em vista alguns tratados de cidadania, trânsito, união econômica e da declaração a ser feita pelo governo provisório de cada um dos Estados com relação ao acesso aos locais sagrados e aos direitos das minorias. A Agência Judaica, fundada em fevereiro de 1947 para incentivar e auxiliar a emigração de judeus do mundo inteiro para Israel, aceita a resolução. O plano não é aceito pelos árabes palestinos e pelos Estados árabes sob a alegação de que viola o previsto na Carta da ONU, que garante às populações o direito de decidir sobre seu próprio destino.

#### 4.1 A GUERRA DOS SEIS DIAS 1967 NA PERSPECTIVA REALISTA

A Guerra dos seis dias envolveu Israel, Síria, Egito, Iraque e Jordânia. Ocorreu entre 05 e 10 de junho de 1967. Pouco antes da guerra, o Egito estava economicamente e militarmente fraco, o presidente egípcio Gamal Abder Nasser não queria guerra na época. A Síria tinha um plano para obstruir um dos afluentes do Rio Jordão para desvia-lo para irrigar suas plantações e acabou se envolvendo em um embate com Israel. O Rio Jordão era em muita importância para Israel também e a Síria avançava continuamente, ameaçando Israel e outros países locais.

A guerra dos Seis Dias teve origem na conferência da Liga Árabe realizada no Cairo, em 1964, onde foi debatido o desvio das águas do Jordão. Ficou decidido então que o estabelecimento de Israel era uma ameaça que a nação árabe em sua totalidade deveria impedir. Alguns estudiosos afirmam que Israel seria um território estrategicamente posto naquela região para alguns países ocidentais exercesse influência naquela região, como por exemplo, os Estados Unidos, grandes pioneiros da criação da ONU e um dos países mais influentes da organização. Assim, já que a existência de Israel era uma ameaça, os estados árabes estavam elaborando planos para a destruição de Israel. No ano de 1967, A diplomacia foi influente no Egito e Síria iniciando um conjunto de ofensivas entre as nações árabes para obter o apoio necessário para a batalha que seria decisiva contra Israel.

O presidente do Egito, Nasser, é ordenado a agir contra Israel, mesmo com o Egito devastado economicamente, devido a um conflito recente com o Iêmen. Apesar de não desejar a guerra naquele momento, o líder egípcio toma três medidas: o envio de tropas para a península do Sinai (ocupada por forças da ONU), um pedido para a retirada da força de defesa da ONU na Síria e o fechamento do estreito de Tiran à navegação israelense. Israel conseqüentemente e por questões de defesa ataca primeiro, antes que seu país seja invadido pelas tropas egípcias. Os principais objetivos eram abrir o estreito de Tiran e neutralizar o exército egípcio no Sinai. Apesar dos acordos de Israel com a Jordânia, ela decide se juntar ao Egito, essa união foi fundamental para que Israel decidisse anexar a região de Jerusalém oriental.

No dia 5 de junho de 1967, de fato, as primeiras batalhas ocorrem próximo à cidade de Charm-el-Cheikh, a Leste do Sinai, no Golfo de Ácaba, onde as tropas das Nações Unidas são ineficazes e incapazes de conter tremenda violência. Essa cidade estava sob administração internacional desde a crise de Suez de 1956. Israel decide revidar e usa sua força aérea para destruir aeroportos e instalações egípcias, incapacitando totalmente a sua força aérea. Israel usou caças que seriam impossíveis de se ver em radares e quase imperceptível a olho nu para o ataque contra bases aéreas egípcias. O Sinai é ocupado militarmente por Israel, que apodera-se também de Gaza e do Golfo de Ácaba. No dia 7 de junho, temendo a aliança da Síria com o Egito, Israel avança em novo ataque preventivo, desta vez contra a Síria, conquistando a Cisjordânia e as colinas de Golã.

No dia 8 de junho, o Egito aceita o cessar-fogo com a Síria, ela faz o mesmo no dia 10, terminando assim com a guerra dos Seis Dias. A sensação inicial foi de triunfo. O país de apenas 19 anos, rodeado de inimigos vencera não apenas o poderoso Egito, mas também a Jordânia e a Síria, tudo em cerca de 132 horas com ajuda bélica e militar dos Estados Unidos, guiados pela ONU. As consequências dessa guerra para Israel foi um aumento de cerca de cinco vezes em seu território, o controle das colinas de Golã, o deserto do Sinai, a faixa de Gaza, Jerusalém Oriental, a proclamação por parte do Knesset, o parlamento israelita, da anexação da parte árabe de Jerusalém, o que suspendeu todas as recomendações do Conselho de Segurança e Assembleia Geral das Nações Unidas.

Em uma perspectiva Realista deste capítulo, pode-se concluir com algumas ideias do autor Italiano Maquiavel, que na sua época a Itália estava dividida em principados e repúblicas, todas rivais entre si, foi nesse cenário de realidade social que foi escrito O príncipe e Os discursos sobre a primeira década de Tito Lívio. O foco de Maquiavel sempre foi à explicação de como os Estados se relacionam garantindo aos príncipes a segurança de seus Estados. Suas ideias lembram muito a história da criação do Estado de Israel sobre o território da Palestina, ou seja, os palestinos refletem a ideia de Maquiavel que ninguém quer ser dominado nem oprimido pelos grandes.

## 4.2 A Condição dos Palestinos

Muitas instituições internacionais já reconheceram o direito dos palestinos, como por exemplo, a UNRWA, que é a única instituição em termos de compromisso e longo prazo para um grupo de refugiados. A Agência contribuiu para o bem-estar e o desenvolvimento humano de gerações de refugiados da Palestina, definidos como “pessoas que tiveram a Palestina como residência no período de 1 de junho de 1946 a 15 de maio de 1948 e que perderam as suas casas e meios de sobrevivência como resultado do conflito de 1948”. Os descendentes dos refugiados da Palestina, incluindo as crianças adotadas legalmente, também são elegíveis para registro junto à UNRWA. Para apud Chemeris (2002 p. 115), “as justificativas para a resistência Palestina foram reconhecidas ou endossadas por inúmeras instituições internacionais, como a Liga Árabe, a Organização da Conferência Islâmica, o Movimento dos Não Alinhados e a ONU”. Para o mesmo autor, “o reconhecimento de que a ocupação israelense da Faixa de Gaza e da Cisjordânia em 1967 é ilegal, pode ser lida claramente nas resoluções 242 e 338, do Conselho de Segurança da ONU”.

O número de refugiados resultantes da “expulsão” após a criação do Estado de Israel foi estimado pela Nations Information System on the Question of Palestine (UNISPAL) em 726.000 no final do ano de 1949, o que representava 75% da população nativa da Palestina, enquanto 32.000 permaneceram dentro das linhas de armistício. Entretanto, dos 800.000 palestinos originalmente situados na área que se tornou Israel, apenas 150.000 em suas casas, tornando-se, assim, uma minoria árabe no Estado de Israel (GOMES, 2001). Tudo indica que Israel pretenda continuar avançando sobre o território palestino. O apoio dos países árabes, à causa Palestina, tem intensificado o conflito, pois algumas dessas lideranças árabes têm apoiado a formação de grupos armados como, por exemplo, o Fatah e o Hamas, na tentativa de legitimar suas lideranças e ter suas influências na região, o que de certa forma tem piorado a situação dos palestinos em conseguir iniciar um processo de paz.



## 6 IDEIA DA GEODETERMINAÇÃO DE RATZEL APLICADA AO CONFLITO

Friedrich Ratzel (1844 – 1904) foi um geógrafo e etnólogo alemão. Como Castro (1999) e Mattos (2002) afirmam, para Ratzel deveria ser incorporada aos saberes geográfico não apenas a dimensão humana, mas também a interação desta com o ambiente e com o território. As práticas sociais como a política e suas lutas por recursos valorizados, seriam inseridas na geografia, como por exemplo, na geopolítica de Israel e Palestina, a luta por recursos valorizados se daria ao viés ideológico relacionado a religião para a formação exclusiva de um Estado judaico-cristão. Para Ratzel, o Estado era um ente naturalmente político, mas também orgânico, o Estado-nação era o modelo de construção política orgânica de tipo ideal a ser perseguido pelos povos, a Palestina se encaixa em uma nação sem Estado, pois, não existe entidade legal e política que exerça um poder soberano dentro do seu território. O Estado como um organismo vivo exibe uma tendência natural à expansão e sua sobrevivência.

Para explicar o expansionismo do Estado aplicado ao conflito árabe-israelense de acordo com Ratzel, ele apresentou sete leis:

1. A expansão do estado aumenta com o avanço da cultura.
2. O aumento espacial dos estados acompanha diversas manifestações do seu desenvolvimento: ideologia; produção; atividade comercial; poder da sua influência e do seu esforço no que diz respeito ao proselitismo (divulgação de suas ideias, convicções e planos).
3. Os estados estendem-se assimilando ou absorvendo as unidades políticas de menor importância.
4. A fronteira é um órgão situado na periferia do estado — por meio desse alargamento, ele materializa o crescimento, as forças e as mudanças territoriais.
5. Ao proceder a sua extensão espacial, o estado se esforça para absorver regiões importantes para o seu desígnio, por exemplo, o litoral dos estuários fluviais, as planícies e os territórios mais ricos em termos de produção.
6. É do exterior que vem o primeiro impulso, levando o estado para a extensão de território movido por uma civilização menos desenvolvida que a sua.
7. A tendência geral é a assimilação ou absorção das nações mais fracas, convida a multiplicar as apropriações de territórios num movimento que parece com a sua intensidade.

Esses setes pontos nos dá uma visão clara sobre as motivações do conflito entre os dois povos, resultando em tantas tensões sobre a região. Para Ratzel, como as culturas estavam contidas dentro de países ou Estados, esperava-se que suas fronteiras se movessem e ocorresse expansão no Estado com maior probabilidade de expandir-se para territórios de outro países, possivelmente dotados de culturas menos adiantadas (Flint, 2006).

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a diminuição cada vez mais do seu território, os palestinos tiveram que encontrar um local para residir, sendo esta a forma encontrada por eles, de resgatar sua dignidade, uma vez que suas terras foram praticamente toda ocupada por outros povos: novos migrantes sionistas que reivindicavam sua propriedade. Desde o fim da Primeira Guerra Mundial, os palestinos tiveram que dividir espaço com a população de judeus, que imigrava para a Palestina. Essa imigração sionista desde o século XIX, estimulada durante Mandato Britânico na Palestina e intensificada após a criação do Estado de Israel foi capaz de intensificar os conflitos na região, dando ênfase a teoria realista, como vimos nos capítulos anteriores. A chamada “causa palestina”, como ficou conhecida a migração dos palestinos para outras regiões, provocou uma série de ressignificação do conflito entre Israel e Palestina, colocando a segurança internacional em decadência nessa região.

Em suma, pode-se dizer que a guerra entre Israel e Palestina é um reflexo do quão egoísta e ambicioso o ser humano pode ser, lembrando-se dos pensamentos de Hobbes em seu livro *Leviatã*. Vale recordar que fronteiras servem somente para facilitar a administração do vasto território, mas, infelizmente o homem transforma um pedaço de terra que deveria ser um lar, em política sem soluções pacíficas, fazendo viver o realismo até os dias atuais com tantos conflitos sem soluções. Fugindo um pouco da teoria realista, pode ser que a solução de tantos conflitos esteja na diplomacia, da aceitação do outro apesar das diferenças. A guerra interna presente entre o conflito árabe-



israelita é o que separa o homem de outro homem quando os dois são exatamente a mesma carne. O realismo moderno individualiza o ser humano que é um ser dependente do outro. "O homem é um ser social", como dizia Aristóteles. Um lobo solitário, mesmo com suas garras e dentes afiados, não é nada e não sobreviver por muito tempo em meio a vastidão de perigos ao redor demonstrando ainda mais que a teoria realista se intensifica cada vez mais.

## REFERÊNCIAS

**A quem ajudamos | Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina UNRWA.** Disponível em: <[http://unrwa.org.br/a\\_quem\\_ajudamos/](http://unrwa.org.br/a_quem_ajudamos/)>. Acesso em 19/10/2018

**ALTMAN, Max. Hoje na História: 1947 - ONU aprova partilha da Palestina entre árabes e judeus.** ed. São Paulo. 2009. Disponível em <[http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/2114/hoje+na+historia+1947+\\_+onu+aprova+partilha+da+palestina+entre+arabes+e+judeus.shtml](http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/2114/hoje+na+historia+1947+_+onu+aprova+partilha+da+palestina+entre+arabes+e+judeus.shtml)> . Acesso em: 01/02/2018

**CLAIRE, Charlotte. #DELETEISRAEL: UM CONFLITO ETERNO ENTRE ISRAEL E PALESTINA.** < [http://obviousmag.org/a\\_dama\\_celebre/2017/israel-x-palestina-um-conflito-eterno.html](http://obviousmag.org/a_dama_celebre/2017/israel-x-palestina-um-conflito-eterno.html)>. Acesso em 02/02/2018.

**HOBBS, T. De cive. Elementos filosóficos a respeito do cidadão. Petrópolis: Vozes, 1993.**

\_\_\_\_\_. **Leviatã, ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. São Paulo: Abril Cultural, 1997.**

**FINKELSTEIN, Norma G. Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina. Trad. De Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.**

**LACERDA. Guerra de todos contra todos: a contribuição de Hobbes para a política internacional. Revista Autor, São Paulo, v. 56, n. 47, maio. Disponível em: <http://www.revistaautor.com.br/artigos/2005/47ext2.htm>. Acesso em: 01.jun.2005.**

**MAQUIAVEL, N. O príncipe. Col. "Os pensadores". São Paulo: Abril Cultural, 1996.**

**W. M, AUGUSTO. Geopolítica, do pensamento clássico aos conflitos contemporâneos. Edit. Intersaberes, 2018**